

## Ao Rei D. Afonso VI<sup>1</sup>

### 28 de novembro de 1659

Senhor. — Obedecendo à ordem geral e última de V. M., dou conta a V. M. do estado em que ficam estas missões e dos progressos com que por meio delas se vai adiantando a fé e cristandade destas conquistas, em que também se verá quão universal é a providência com que Deus assiste ao feliz reinado de V. M. em toda a monarquia, pois, no mesmo tempo em que do Reino se estão escrevendo vitórias milagrosas às Conquistas, escrevemos das Conquistas ao Reino também vitórias que com igual e maior razão se podem chamar milagres.

Lá vence Deus com sangue, com ruínas, com lágrimas e com dor da Cristandade; cá vence sem sangue, sem ruínas, sem guerra e ainda sem despesas: e, em lugar da dor e lágrimas dos vencidos (que em parte também toca aos vencedores), com alegria, com aplauso e com triunfo de todos e da mesma Igreja, que, quanto se sente diminuir e atenuar no sangue que derrama em Europa, tanto vai engrossando e crescendo nos povos, nações e províncias que ganha e adquire na América.

Trabalharam este ano nas missões desta conquista vinte e quatro religiosos da Companhia de Jesus, os quinze deles sacerdotes, divididos em quatro colônias principais: do Ceará, do Maranhão, do Pará e do rio das Amazonas. Nestas quatro colônias, que se estendem por mais de quatrocentas léguas de costa, tem a Companhia dez residências, que são como cabeças de diferentes cristandades a elas anexas, a que acodem os missionários de cada uma em contínua roda, segundo a necessidade e disposição que se lhes têm dado. O trabalho, sem encarecimento, é maior que as forças humanas, e, se não fora ajudado de particular assistência divina, já a missão estivera sepultada com os que nela, por esta mercê do Céu, conservam e continuam as vidas.

O fruto corresponde abundantemente ao trabalho, porque é grande o número de almas de inocentes e adultos que de entre as mãos dos missionários, por meio do Batismo, estão quotidianamente voando ao Céu; sendo muito maior a quantidade dos que, recebidos os outros sacramentos, nos deixam também certas esperanças de que se salvam. Porque, ainda que há outras nações de melhor entendimento par perceber os mistérios da fé, e passar da necessidade dos preceitos à perfeição dos conselhos da lei de Cristo, não há

<sup>1</sup> Impressa em 1660 em folheto, com o título: *Cópia de huma carta para El Rey N. Senhor, sobre as missões do Seará, do Maranhão, do Pará & do grande rio das Amazonas. Escrita pelo Padre António Vieira da Companhia de Jesu, Pregador de Sua Magestade, & Superior dos Religiosos da mesma Companhia naquela Conquista.* Lisboa, Offic. de Henrique Valente de Oliveira. (JLA)

porém nação alguma no mundo que, ainda naturalmente, esteja mais disposta para a salvação e mais livre de todos os impedimentos dela, ou seja dos que traz consigo a natureza ou dos que acrescenta a malícia. Estes são os frutos ordinários que se colhem e vão continuando nestas missões, em que há casos de circunstâncias mui notáveis, cuja narração e história se oferecerá a V. M., quando Deus e V. M. for servido de que tenhamos mãos para a seara e para a pena.

Vindo às cousas particulares, fizeram-se este ano três missões ou entradas pelos rios e terras dentro, e foram a elas três padres com seus companheiros, professos todos de quatro votos, e os mais antigos e de maior autoridade de toda a missão, por serem estas as empresas de maior trabalho, dificuldade e importância; e todas por mercê de Deus sucederam felizmente.

O padre Francisco Gonçalves, provincial que acabou de ser da Província do Brasil, foi em missão ao rio das Amazonas e rio Negro, que de ida e volta é viagem de mais de mil léguas, toda por baixo da linha equinocial, no mais ardente da zona tórrida.

Partiu do Maranhão esta missão em 15 de agosto do ano passado, de 1658, e, atravessando por todas as capitanias do Estado, foi levando em sua companhia canoas e procuradores de todas, para o resgate dos escravos que se faz naqueles rios; e foi esta a primeira vez em que o resgate se fez por esta ordem, para que os interesses dele coubessem a todos, e particularmente aos pobres, que sempre, como é costume, eram os menos lembrados.

Haverá catorze meses que continua a missão pelo corpo e braços daqueles rios, donde se tem trazido mais de seiscentos escravos, todos examinados primeiro pelo mesmo missionário, na forma das leis de V. M.: e já o ano passado se fez outra missão deste gênero aos mesmos rios, pelo padre Francisco Veloso, em que se resgataram e desceram outras tantas peças, em grande benefício e aumento do Estado, posto que não é esta a maior utilidade e fruto desta missão.

Excede esta missão do resgate a todas as outras, numa diferença de grande importância, e é que nas outras missões vão-se salvar somente as almas dos índios, e nesta vão-se salvar as dos índios e as dos Portugueses; porque o maior laço das consciências dos Portugueses neste Estado, de que nem na morte se livraram, era o cativo dos índios, que, sem exame nem forma alguma de justiça, debaixo do nome de resgate, iam comprar ou roubar por aqueles rios. E a este grande dano foi V. M. servido acudir por meio dos missionários da Companhia, ordenando V. M. que os resgates se fizessem somente quando fossem missões ao sertão, e que só os missionários pudessem examinar e aprovar os escravos em suas próprias terras, como hoje se faz<sup>2</sup>; e, depois de examinados e julgados por legitimamente cativos, os recebem e

<sup>2</sup> Na provisão de D. João IV, de 9 de abril de 1655. A Majestade a que se dirigia Vieira não era D. Afonso VI, alheio então aos negócios públicos, mas a função régia, impessoal e contínua. (JLA)

pagam os compradores, conseguindo os povos por esta via o que se tinha por impossível neste Estado, que era haver nele serviço e consciência.

Assim que, Senhor, por mercê de Deus e benefício da lei de V. M., se têm impedido as grandes injustiças que na confusão e liberdade do antigo resgate se cometiam, que foi a ruína espiritual e temporal de toda esta conquista; sendo certo que, se o fruto deste gênero de missões se computar e medir, não só pelos bens que se conseguem, senão pelos males que se impedem e se atalham, se deve estimar cada uma delas por uma das grandes empresas e obras de maior serviço de Deus que tem toda a Cristandade.

Além destes bens espirituais e temporais, se conseguem muitos outros por meio da mesma missão, em todas as terras por onde passa; porque se batizam muitos inocentes e adultos, que estão em extremo perigo da vida, que logo sobem ao Céu: e se descobrem novas terras, novos rios e novas gentes, como agora se descobriram algumas nações, onde nunca tinham chegado os Portugueses, nem ainda agora chegaram mais que os padres. E assim como nas nossas primeiras conquistas se levantaram padrões das armas de Portugal, em toda a parte onde chegavam os nossos descobridores, assim aqui se vão levantando os padrões da sagrada cruz, com que se vai tomando posse destas terras por Cristo e para Cristo.

Foi companheiro nesta missão o padre Manuel Pires, bem conhecido nesse reino com nome de *o clérigo de Paredes*, o qual, depois da ermida e fonte milagrosa que o deu a conhecer naquele sítio, estando retirado num ermo de Roma fazendo vida solitária, por particular instinto do Céu veio a pé a Portugal, e pediu ser admitido na Companhia, para servir a Deus nas missões do Maranhão; e já o tem feito nesta, e na do ano passado pelo mesmo rio das Amazonas, com grande zelo das almas.

A segunda entrada se fez pelo grande rio dos Tocantins, que é na grandeza o segundo de todo o Estado, e povoado de muitas nações, a que ainda se não sabe o nascimento.

Foi a esta missão o padre Manuel Nunes, lente de prima de Teologia em Portugal e no Brasil, superior da casa e missões do Pará, mui prático e eloqüente na língua geral da terra<sup>3</sup>. Levou quatrocentos e cinqüenta índios de arco e remo, e quarenta e cinco soldados portugueses de escolta, com um capitão de infantaria. A primeira facção em que se empregou este poder foi em dar guerra ou castigar certos índios rebelados, de nação inheiguaras, que o ano passado, com morte de alguns cristãos, tinham impedido a outros índios da sua vizinhança que se descessem para a Igreja e vassalagem de V. M.

São os Inheiguaras gente de grande resolução e valor e totalmente impaciente de sujeição; e, tendo-se retirado com suas armas aos lugares mais ocultos e defensáveis das suas brenhas, em distância de mais de cinqüenta léguas, lá foram buscados, achados, cercados, rendidos e tomados quase todos, sem

<sup>3</sup>A língua tupi, que chamavam geral, por ser compreendida da maior parte dos índios. (JLA)

dano mais que de dois índios nossos levemente feridos. Ficaram prisioneiros duzentos e quarenta, os quais, conforme as leis de V. M., a título de haverem impedido a pregação do Evangelho, foram julgados por escravos e repartidos aos soldados.

Tirado este impedimento, entenderam os padres na conversão e condução dos outros índios, que se chamam Poquiguaras, em que padeceram grandes trabalhos e venceram dificuldades que pareciam invencíveis. Estava esta gente distante do rio um mês de caminho, ou de não caminho, porque tudo são bosques cerrados, atalhados de grandes lagos e serras, e eram dez aldeias as que se haviam de descer, com mulheres, meninos, crianças, enfermos, e todos os outros impedimentos que se acham na transmigração de povos inteiros. Enfim, depois de dois meses de contínuo e excessivo trabalho e vigiância (que também era mui necessária), chegaram os padres com esta gente ao rio, onde os embarcaram por ele a baixo para as aldeias do Pará, em número por todos até mil almas.

Não se acabou aqui a missão, mas, continuando pelo rio acima, chegaram os padres ao sítio dos Tupinambás, donde haverá três anos tínhamos trazido mil e duzentos índios, que todos se batizaram logo, e, por ser a mais guerreira nação de todas, são hoje gadelha destas entradas. Os Tupinambás, que ficaram em suas terras, seriam outros tantos como os que tinham vindo, e eram os que agora iam buscar os padres; mas acharam que estavam divididos em dois braços do mesmo rio, um dos quais, por ser na força do verão, se não podia navegar. Avistaram-se com estes por terra, e, deixando assentado com eles que se desceriam para o inverno, tanto que as primeiras águas fizessem o rio navegável, com os outros, que eram quatrocentos, se recolheram ao Pará, tendo gastado oito meses em toda a viagem, que passou de quinhentas léguas.

Deixaram também arrumado o rio com suas alturas, diligência que até agora se não havia feito, e acharam pelo Sol que tinham chegado a mais de seis graus da banda do sul, que é pouco mais ou menos a altura da Paraíba. Os índios, assim Tupinambás como Poquiguaras, se puseram todos nas aldeias mais vizinhas à cidade, para melhor serviço da república, a qual ficou este ano aumentada com mais de dois mil índios escravos e livres: mas nem por isso ficaram, nem ficarão, jamais satisfeitos seus moradores; porque, sendo os rios desta terra os maiores do mundo, a sede é maior que os rios.

Demais destas duas missões, se fez outra à ilha dos Nhengaíbas, de menos tempo e aparato, mas de muito maior importância e felicidade.

**Na grande boca do rio das Amazonas** está atravessada uma ilha de maior comprimento e largueza que todo o reino de Portugal, e habitada de muitas nações de índios, que por serem de línguas diferentes e dificultosas são chamados geralmente Nhengaíbas<sup>4</sup>. Ao princípio receberam estas nações aos nossos conquistadores em boa amizade; mas, depois que a larga experiência

<sup>4</sup> *Nheenga-aíba*: o que é má língua; a língua ruim, imprestável ou incompreensível. Cf. o vocabulário em *O tupi na geografia nacional*, por Teodoro Sampaio, São Paulo, 1914. (JLA)

lhes foi mostrando que o nome de falsa paz, com que entravam, se convertia em declarado cativoiro, tomaram as armas em defesa da liberdade e começaram a fazer guerra aos portugueses em toda a parte.

Usa esta gente canoas ligeiras e bem armadas, com as quais não só impediam e infestavam as entradas, que nesta terra são todas por água, em que roubaram e mataram muitos portugueses, mas chegavam a assaltar os índios cristãos em suas aldeias, ainda naquelas que estavam mais vizinhas às nossas fortalezas, matando e cativando; e até os mesmos portugueses não estavam seguros dos Nhengaíbas dentro em suas próprias casas e fazendas, de que se vêem ainda hoje muitas despovoadas e desertas, vivendo os moradores destas capitánias dentro em certos limites, como sitiados, sem lograr as comodidades do mar, da terra e dos rios, nem ainda a passagem deles, senão debaixo das armas.

Por muitas vezes quiseram os governadores passados, e ultimamente André Vidal de Negreiros, tirar este embaraço tão custoso ao Estado, empenhando na empresa todas as forças dele, assim de índios como de portugueses, com os cabos mais antigos e experimentados; mas nunca desta guerra se trouxe outro efeito mais que o repetido desengano de que as nações nhengaíbas eram inconquistáveis, pela ousadia, pela cautela, pela astúcia e pela constância da gente, e mais que tudo pelo sítio inexpugnável, com que os defendeu e fortificou a mesma natureza<sup>5</sup>.

É a ilha toda composta de um confuso e intrincado labirinto de rios e bosques espessos; aqueles, com infinitas entradas e saídas, estes, sem entrada nem saída alguma, onde não é possível cercar, nem achar, nem seguir, nem ainda ver ao inimigo, estando ele, no mesmo tempo, debaixo da trincheira das árvores, apontando e empregando as suas frechas. E, porque deste modo de guerra volante e invisível não tivesse o estorvo natural da casa, mulheres e filhos, a primeira cousa que fizeram os Nhengaíbas, tanto que se resolveram à guerra com os Portugueses, foi desfazer e como desatar as povoações em que viviam, dividindo as casas pela terra dentro a grandes distâncias, para que, em qualquer perigo, pudesse uma avisar às outras, e nunca ser acometidos juntos. Desta sorte, ficaram habitando toda a ilha, sem habitarem nenhuma parte dela, servindo-lhes, porém, em todas, os bosques de muro, os rios de fosso, as casas de atalaia, e cada nhengaíba de sentinela, e as suas trombetas de rebate.

Tudo isto referimos por relação de vista do padre João de Sotomaior, o qual, com o padre Salvador do Vale, no ano de 1655, navegou e pisou todos estes sertões dos Nhengaíbas, entre os quais lhe ficou uma imagem de Cristo crucificado, que trazia no peito, a qual mandou a um principal gentio, em fé da verdade e paz com que esperava por ele; o que o bárbaro não fez, nem resistiu a sagrada imagem.

<sup>5</sup> "No fim do mesmo ano (de 1655) se fez a missão ou entrada dos Nhengaíbas... Foram poucos os escravos que se fizeram, e quase igual o número dos nossos que os Nhengaíbas feriram e mataram." (*Resposta aos Capítulos*, cit., escrito de Antônio Vieira.) (JLA)

Foi este caso então mal interpretado de muitos, e mui sentido de toda a gente de guerra daquela entrada, de que era cabo o sargento-mor Agostinho Correia, que depois foi governador de todo o Estado; o qual refere hoje que lhe disse então o padre Sotomaior que aquele senhor, que se deixara ficar entre os Nhengaíbas, havia de ser o missionário e apóstolo deles e o que os havia converter à sua fé.

Chegou, finalmente, no ano passado de 1658, o governador D. Pedro de Melo<sup>6</sup>, com as novas da guerra apregoada com os Holandeses, com os quais algumas das nações dos Nhengaíbas há muito tempo tinham comércio, pela vizinhança dos seus portos com os do cabo do Norte, em que todos os anos carregam de peixe-boi mais de vinte navios de Holanda. E, entendendo as pessoas do governo do Pará que, unindo-se os Holandeses com os Nhengaíbas, seriam uns e outros senhores destas capitânicas, sem haver forças no Estado, ainda que se ajuntassem todas, para lhe resistir, mandaram uma pessoa particular ao governador, por meio da qual lhe pediam socorro e licença para logo, com o maior poder que fosse possível, entrarem pelas terras dos Nhengaíbas, antes que, com a união dos Holandeses, não tivesse remédio esta prevenção e com ela se perdesse de todo o Estado.

Resoluta a necessidade e justificação da guerra, por voto de todas as pessoas eclesiásticas e seculares com quem V. M. a manda consultar, foi de parecer o padre Antônio Vieira que, enquanto a guerra se ficava prevenindo em todo o segredo, para maior justificação, e ainda justiça dela, se oferecesse primeiro a paz aos Nhengaíbas, sem soldados nem estrondo de armas que a fizessem suspeitosa, como em tempo de André Vidal tinha sucedido. E, porque os meios desta proposição da paz pareciam igualmente arriscados, pelo conceito que se tinha da fereza da gente, tomou à sua conta o mesmo padre ser o mediameiro dela, supondo, porém, todos que não só a não haviam de admitir os Nhengaíbas, mas que haviam de responder com as frechas aos que lhe levassem semelhante prática, como sempre tinham feito por espaço de vinte anos, que tantos tinham passado desde o rompimento desta guerra.

Em dia de Natal do mesmo ano de 1658, despachou o padre dois índios principais, com uma carta-patente sua a todas as nações dos Nhengaíbas, na qual lhes segurava que, por beneficio da nova lei de V. M., que ele fora procurar ao reino, se tinham já acabado para sempre os cativeiros injustos, e todos os outros agravos que lhe faziam os Portugueses; e que, em confiança desta sua palavra e promessa, ficava esperando por eles ou por recado seu, para ir às suas terras, e que em tudo o mais dessem crédito ao que em seu nome lhe diriam os portadores daquele papel.

<sup>6</sup>Tomado o ano por 1656 na primeira impressão. D. Pedro de Melo tomou posse do governo, em São Luís do Maranhão, aos 16 de junho de 1658. Em 1657, as Províncias Unidas tinham declarado novamente a guerra a Portugal. Nesse ano e no seguinte, em dois períodos de meses, esteve o porto de Lisboa bloqueado pelo almirante Ruyter; depois disso, até a paz, em 1661, não houve outros atos de beligerância na Europa. (JLA)

Partiram os embaixadores, que também eram de nação nhengaíbas, e partiram como quem ia ao sacrifício (tanto era o horror que tinham concebido da fereza daquelas nações até os de seu próprio sangue), e assim se despediram, dizendo que, se até o fim da lua seguinte não tornassem, os tivéssemos por mortos ou cativos.

Cresceu e minguou a lua aprazada e entrou outra de novo, e já antes deste termo tinham profetizado o mau sucesso todos os homens antigos e experimentados desta conquista, que nunca prometeram bom efeito a esta embaixada; mas provou Deus que valem pouco os discursos humanos onde a obra é de Sua providência.

Em dia de Cinza, quando já se não esperavam, entraram pelo colégio da Companhia os dois embaixadores, vivos e mui contentes, trazendo consigo sete principais Nhengaíbas, acompanhados de muitos outros índios das mesmas nações. Foram recebidos com as demonstrações de alegria e aplauso que se devia a tais hóspedes, os quais, depois de um comprido arrazoado, em que desculpavam a continuação da guerra passada, lançando toda a culpa, como era verdade, à pouca fé e razão que lhe tinham guardado os Portugueses, concluíram dizendo assim: “Mas, depois que vimos em nossas terras o papel do *Padre grande*, de que já nos tinha chegado fama, que por amor de nós e da outra gente da nossa pele se tinha arriscado às ondas do mar alto, e alcançado de El-Rei para todos nós as cousas boas; posto que não entendemos o que dizia o dito papel, mais que pela relação destes nossos parentes, logo no mesmo ponto lhe demos tão inteiro crédito que, esquecidos totalmente de todos os agravos dos Portugueses, nos vimos aqui meter entre suas mãos, e nas bocas das suas peças de artilharia; sabendo decerto que, debaixo das mãos dos padres, de quem já de hoje a diante nos chamamos filhos, não haverá quem nós faça mal”.

Com estas razões tão pouco bárbaras desmentiram os Nhengaíbas a opinião que se tinha de sua fereza e barbaria, e se estava vendo nas palavras, nos gestos, nas ações e afetos com que falavam o coração e a verdade do que diziam.

Queria o padre logo partir com eles às suas terras, mas responderam, com cortesia não esperada, que eles até àquele tempo viviam como animais do mato, debaixo das árvores; que lhe déssemos licença para que logo fossem descer uma aldeia para a beira do rio, e que, depois que tivessem edificado casa e igreja, em que receber ao padre, então o viriam buscar muitos mais em número, para que fosse acompanhado como convinha, sinalando nomeadamente que seria para o S. João, nome conhecido entre estes gentios, pelo qual distinguem o inverno da primavera. Assim o prometeram ainda mal criados os Nhengaíbas, e assim o cumpriram pontualmente; porque chegaram às aldeias do Pará, cinco dias antes da festa de S. João, com dezessete canoas, que com treze da nação dos Combocas, que também são da mesma ilha, faziam número de trinta, e nelas outros tantos principais, acompanhados de tanta e boa gente que a fortaleza e cidade se pôs secretamente em armas.

Não pôde ir o padre nesta ocasião por estar mortalmente enfermo; mas foi Deus servido que o pudesse fazer em 16 de agosto, em que partiu das aldeias do Camutá em doze grandes canoas, acompanhado dos principais de todas as nações cristãs e de somente seis portugueses com o sargento-mor da praça, por mostrar maior confiança. Ao quinto dia de viagem entraram pelo rio dos Mapuaeses<sup>7</sup>, que é a nação dos Nhengaíbas que tinha prometido fazer a povoação fora dos matos, em que receber aos padres; e duas léguas antes do porto saíram os principais a encontrar as nossas canoas, em uma sua grande e bem equipada, empavesada de penas de várias cores, tocando buzinas e levantando pocemas, que são vozes de alegria e aplauso com que gritam todos a espaços, e é a maior demonstração de festa entre eles; com que também de todas as nossas se lhe respondia.

Conhecida a canoa dos padres, entraram logo nela os principais, e a primeira cousa que fizeram foi presentear ao padre Antônio Vieira a imagem do Santo Cristo do Padre João de Sotomaior, que havia quatro anos tinham em seu poder, e de que se tinha publicado que os gentios a tinham feito em pedaços, e que por ser de metal a tinham aplicado a usos profanos; sendo que a tiveram sempre guardada e com grande decência, e respeitada com tanta veneração e temor que nem a tocá-la nem ainda a vê-la se atreviam.

Receberam os padres aquele sagrado penhor com os afetos que pedia a ocasião, reconhecendo eles, os portugueses, e ainda os mesmos índios, que a este Divino Missionário se deviam os efeitos maravilhosos da conversão e mudança tão notável dos Nhengaíbas, cujas causas se ignoravam. Logo disseram que, desde o princípio daquela lua, estiveram os principais de todas as nações esperando pelos padres naquele lugar; mas que, vendo que não chegavam ao tempo prometido, nem muitos dias depois, resolveram que o *Padre grande* devia de ser morto, e que com esta resolução se tinham despedido, deixando, porém, assentado antes que dali a catorze dias se ajuntariam outra vez todos em suas canoas, para irem ao Pará saber o que passava e, se fosse morto o padre, chorarem sobre sua sepultura, pois já todos o reconheciam por pai.

Chegados, enfim, à povoação, desembarcaram os padres com os portugueses e principais cristãos, e os Nhengaíbas naturais os levaram à igreja, que tinham feito de palma, ao uso da terra, mas muito limpa e concertada, a qual logo se dedicou à sagrada imagem, com nome da Igreja do Santo Cristo, e se disse o *Te Deum laudamus* em ação de graças.

Da igreja a poucos passos, trouxeram os padres para a casa que lhe tinham preparado, a qual muito bem traçada, com seu corredor e cubículos, e fechada toda em roda, com uma só porta, enfim com toda a clausura que costumam guardar os missionários entre os índios.

Mandou-se logo recado às nações, que tardaram em vir mais ou menos tempo, conforme a distância; mas, enquanto não chegaram as mais vizinhas,

<sup>7</sup> Índios que habitavam no rio Mapuá. Adiante se lê *Mapuás*, referida a designação a estes mesmos. (JLA)



que foram cinco dias, não esteve o Demônio ocioso, introduzindo nos ânimos dos índios, e ainda dos portugueses, ao princípio por meio de certos agouros e depois pela consideração do perigo em que estavam se os Nhengaíbas faltassem à fé prometida, tais desconfianças, suspeitas e temores que faltou pouco para não largarem a empresa e ficar perdida e desesperada para sempre. A resolução foi dizer o padre Antônio Vieira aos cabos que lhe pareciam bem as suas razões e que, conforme a elas, se fossem embora todos, que ele só ficaria com seu companheiro, pois só a ele esperavam os Nhengaíbas e só com eles haviam de tratar.

Mas, no dia seguinte, começou a entrar pelo rio, em suas canoas, a nação dos Mamaianases, de quem havia maior receio por sua fereza; e foram tais as demonstrações de festa, de confiança e de verdadeira paz, que nesta gente se viram, que as suspeitas e temores dos nossos se foram desfazendo, e logo os rostos e os ânimos, e as mesmas razões e discursos, se vestiram de diferentes cores.

Tanto que houve bastante número de principais, depois de se lhe ter praticado largamente o novo estado das cousas, assim pelos padres como pelos índios das suas doutrinas<sup>8</sup>, deu-se ordem ao juramento de obediência e fidelidade; e, para que se fizesse com toda a solenidade de cerimônias exteriores (que valem muito com gente que se governa pelos sentidos) se dispôs e fez na forma seguinte. Ao lado direito da igreja estavam os principais das nações cristãs, com os moradores vestidos que tinham, mas sem mais armas que as suas espadas; da outra parte estavam os principais gentios, despídos e empenados ao uso bárbaro, com seus arcos e frechas na mão, e entre uns e outros, os portugueses. Logo disse missa o padre Antônio Vieira, num altar ricamente ornado, que era da Adoração dos Reis, à qual missa assistiam os gentios, de joelhos; sendo grandíssima consolação para os circunstantes vê-los bater nos peitos e adorar a hóstia e o cálix com tão vivos efeitos daquele preciosíssimo sangue que, sendo derramado por todos, nestes, mais que em seus avós, teve sua eficácia.

Depois da missa, assim revestido nos ornamentos sacerdotais, fez o padre uma prática a todos, em que lhes declarou pelos intérpretes a dignidade do lugar em que estavam, e a obrigação que tinham de responder, com limpo coração e sem engano, a tudo o que lhes fosse perguntado, e de o guardar inviolavelmente depois de prometido. E logo fez perguntar a cada um dos principais se queriam receber a fé do verdadeiro Deus e ser vassallos de El-Rei de Portugal, assim como o são os Portugueses e os outros índios das nações cristãs e avassaladas, cujos principais estavam presentes: declarando-lhes juntamente que a obrigação de vassallos era haverem de obedecer em tudo às ordens de S. M., e ser sujeitos a suas leis, e ter paz perpétua e inviolável com todos os vassallos do mesmo senhor, sendo amigos de todos seus amigos.

<sup>8</sup> Isto é, dos índios já doutrinados pelos padres e que ajudavam a estes a convencer os companheiros. (JLA)

e inimigos de todos seus inimigos; para que nesta forma gozassem livre e seguramente de todos os bens, comodidades e privilégios que, pela última lei do ano de 1655, eram concedidos por S. M. aos índios deste Estado.

A tudo responderam todos conformemente que sim; e só um principal, chamado Piyé, o mais entendido de todos, disse que não queria prometer aquilo. E, como ficassem os circunstantes suspensos na diferença não esperada desta resposta, continuou dizendo que “as perguntas e as práticas, que o padre lhes fazia, que as fizesse aos portugueses e não a eles; porque eles sempre foram fiéis a El-Rei, e sempre o reconheceram por seu senhor desde o princípio desta conquista, e sempre foram amigos e servidores dos portugueses; e que, se esta amizade e obediência se quebrou e interrompeu, fora por parte dos portugueses, e não pela sua: assim, que os portugueses eram os que agora haviam de fazer ou refazer as suas promessas, pois as tinham quebrado tantas vezes, e não ele e os seus, que sempre as guardaram”.

Foi festejada a razão do bárbaro, e agradecido o termo com que qualificava a sua fidelidade; e logo o principal, que tinha o primeiro lugar, se chegou ao altar onde estava o padre, e, lançando o arco e frechas a seus pés, posto de joelhos, e com as mãos levantadas e metidas entre as mãos do padre, jurou desta maneira: “Eu, fulano, principal de tal nação, em meu nome e de todos meus súditos e descendentes, prometo a Deus e a El-Rei de Portugal a fé de nosso Senhor Jesus Cristo; e de ser (como já sou hoje em diante) vassalo de S. M.; e de ter perpétua paz com os Portugueses, sendo amigo de todos seus amigos e inimigo de todos seus inimigos; e me obrigo de assim o guardar e cumprir inteiramente para sempre.” Dito isto, beijou a mão do padre, de quem recebeu a bênção; e foram continuando os demais principais por sua ordem na mesma forma.

Acabado o juramento, vieram todos pela mesma ordem abraçar aos padres, depois aos portugueses, e ultimamente aos principais das nações cristãs, com os quais também tinham até então a mesma guerra que com os Portugueses: e era cousa muito para dar graças a Deus ver os extremos de alegria e verdadeira amizade com que davam e recebiam estes abraços, e as cousas que a seu modo diziam entre eles.

Por fim, postos todos de joelhos, disseram os padres o *Te Deum laudamus*, e, saindo da igreja para uma praça larga, tomaram os principais cristãos os seus arcos e frechas, que tinham deixado fora, e, para demonstração pública do que dentro da igreja se tinha feito, os portugueses tiravam as balas dos arcabuzes, e as lançavam no rio e disparavam sem bala; e logo uns e outros principais quebravam as frechas, e tiravam com os pedaços ao mesmo rio, cumprindo-se aqui a letra: *Arcum conteret et confringet arma*. Tudo isto se fazia ao som de trombetas, buzinas, tambores e outros instrumentos, acompanhados de um grito contínuo de infinitas vozes, com que toda aquela multidão de gente declarava sua alegria; entendendo-se este geral conceito em todas, posto que eram de mui diferentes línguas.

Desta praça foram juntos todos os principais, com os portugueses que assistiram ao ato, à casa dos padres, e ali se fez termo jurídico de tudo o que na igreja se tinha prometido e jurado, que assinaram os mesmos principais; estimando muito, como se lhes declarou, que os seus nomes houvessem de chegar à presença de V. M., em cujo nome se lhe passaram logo cartas, para em qualquer parte e tempo serem conhecidos por vassalos.

Na tarde do mesmo dia deu o padre seu presente a cada um dos principais, como eles o tinham trazido, conforme o costume destas terras, que a nós é sempre mais custoso que a eles. Os atos desta solenidade que se fizeram foram três, por não ser possível ajuntarem-se todos no mesmo dia; e os dias que ali se detiveram os padres, que foram catorze, se passaram todos, de dia, em receber e ouvir os hóspedes, e de noite, em contínuos bailos, assim das nossas nações como das suas, que, como diferentes nas vozes, nos modos, nos instrumentos e na harmonia, tinham muito que ver e que ouvir.

Rematou-se este triunfo da fé com se arvorar no mesmo lugar o estandarte dela, uma formosíssima cruz, na qual não quiseram os padres que tocasse índio algum de menor qualidade; e assim foram cinqüenta e três principais os que a tomaram aos ombros e a levantaram, com grande festa e alegria, assim dos cristãos como dos gentios, e de todos foi adorada. As nações de diferentes línguas que aqui se introduziram foram os Mamaianás, os Aruãs e os Anajás, debaixo dos quais se compreendem Mapuás, Paucacás, Guajarás, Pixispixis e outros. O número de almas não se pode dizer com certeza; os que menos o sabem dizem que serão quarenta mil, entre os quais também entrou um principal dos Tucujus<sup>9</sup>, que é província à parte na terra firme do rio das Amazonas, defronte da ilha dos Nhengaíbas, e é fama que os excedem muito em número, e que uns e outros fazem mais de cem mil almas.

Deixou o padre assentado com estes índios que no inverno se saíssem dos matos e fizessem suas casas sobre os rios, para que no verão seguinte os pudesse ir ver todos a suas terras e deixar alguns padres entre eles, que os comece a doutrinar; e com estas esperanças se despediu, deixando-os todos contentes e saudosos. Pareceu aos padres trazerem consigo, até tornarem, a imagem do Santo Cristo, a qual, por comum aplauso e devoção do clero, das religiões e da república, foi recebida na cidade do Pará em soleníssimo triunfo, dando todos a glória de tamanha empresa a este Senhor, e confessando que só era e podia ser Sua.

Este é, Senhor, por maior, e sem casos particulares e de muita edificação, por brevidade, o fruto que colheram este ano na inculta seara do Maranhão os missionários de V. M., e estes os aumentos da fé e da Igreja que conseguiram com seus trabalhos; não sendo de menor consideração e consequência as utilidades temporais e políticas que por este meio cresceram à coroa e Estados de V. M., porque os que consideram a felicidade desta empresa, não só

<sup>9</sup> *Tricujus* no impresso: certamente por má leitura. (JLA)

com os olhos no Céu, senão também na terra, têm por certo que neste dia se acabou de conquistar o Estado do Maranhão; porque com os Nhengaíbas por inimigos seria o Pará de qualquer nação estrangeira que se confederasse com eles, e com os Nhengaíbas por vassallos e por amigos, fica o Pará seguro e impenetrável a todo o poder estranho.

O mesmo entenderam a respeito dos índios Tobajaras da serra de Ibiapaba todos os capitães mais antigos e experimentados desta conquista, os quais o ano passado, sendo chamados a conselho pelo governador, sobre as prevenções que se deviam fazer para a guerra, que se temia, dos Holandeses, responderam todos uniformemente que não havia outra prevenção mais que procurar por amigos os índios Tobajaras da serra: porque quem os tivesse da sua parte seria senhor do Maranhão.

Estes índios de Ibiapaba, como já dei conta a V. M., por espaço de vinte e quatro anos, em que esteve tomado Pernambuco, foram não só aliados, mas vassallos, dos Holandeses, e ainda cúmplices de suas heresias<sup>10</sup>; mas depois que foram em missão a esta gente dois religiosos da Companhia, que residem sempre com eles, sobre estarem convertidos à fé os que eram gentios, e reconciliados com a Igreja os que eram cristãos, assim eles como todos os outros índios daquela costa estão reduzidos à obediência de V. M. e ao comércio e amizade dos Portugueses, e ainda a viver nas mesmas terras do Maranhão, aonde muitos se têm passado.

Assim que, Senhor, o Estado do Maranhão até agora estava como sitiado de dois poderosos inimigos, que o tinham cercado e fechado entre os braços de um e outro lado: porque, pela parte do Ceará, o tinham cercado os Tobajaras da serra, e, pela parte do cabo do Norte, que são os dois extremos do Estado, os Nhengaíbas. E, como ambas estas nações tinham comunicação com os Holandeses e viviam de seus comércios, já se vêem os danos que desta união se podiam temer, que, a juízo de todos os práticos do Estado, não era menos que a total ruína.

Mas de todo este perigo e temor foi Deus servido livrar aos vassallos de V. M., por meio de dois missionários da Companhia, e com despesa de duas folhas de papel, que foram as que de uma e outra parte abriram caminho à paz e à obediência, com que V. M. tem hoje estas formidáveis nações, não só conquistadas e avassaladas para si, senão inimigas declaradas e juradas dos Holandeses; conseguindo Deus por tão poucos homens desarmados, em tão poucos dias, o que tantos governadores em mais de vinte anos, com soldados, com fortalezas, com presídios e com grandes despesas, sempre deixaram em pior estado: para que acabe de entender Portugal e se persuadam os reais ministros de V. M. que os primeiros e maiores instrumentos da conservação e aumento desta monarquia são os ministros da pregação e propagação da fé, para que Deus a instituiu e levantou no mundo.

<sup>10</sup> Comunicação em carta de 10 de junho de 1658. (JLA)

O que agora representamos, Senhor, prostrados todos os religiosos destas missões aos reais pés de V. M., é que seja V. M. servido de mandar acudir-nos, e acudir a estas almas, com o socorro pronto que é necessário, para que se conserve o que se tem adquirido.

Toda a conservação destes índios, e a perseverança na fé e lealdade que têm prometido, consiste em assistirem com eles alguns religiosos da Companhia, que os vão sustentando e confirmando nela e desfazendo qualquer ocasião ou motivo que se ofereça em contrário, e sobretudo que seja sua rodela, como eles dizem, contra o mau trato dos portugueses, de que só se pode desconfiar e de que só se dão por seguros debaixo do amparo e patrocínio dos padres. Podem vir padres do Brasil<sup>11</sup>, podem vir padres de nações estrangeiras; mas os mais prontos e efetivos são os que podem vir de Portugal em menos de quarenta dias de viagem.

A matéria é tão importante e de tão perigoso regresso que não sofre dilação; e assim esperamos sem falta até à monção de março o socorro que pedimos.

Sirva-se V. M., Senhor, de mandar vir para esta missão um numeroso socorro destes soldados de Cristo e de V. M.; e por cada um prometemos a V. M. muitos milhares de vassallos, não só que nós iremos buscar aos matos, senão que eles mesmos venham buscar-nos, de que cada dia temos novos embaixadores. Tanto tem importado à fé a fama das novas leis de V. M. e dos missionários que a pregam e as defendem. A muito alta e muito poderosa pessoa de V. M. guarde Deus como a Cristandade e os vassallos de V. M. havemos mister. Maranhão, 11 de fevereiro de 1660<sup>12</sup>.

Antônio Vieira

<sup>11</sup> Da Província do Brasil, de que eram independentes as missões do Pará e Maranhão. (JLA)

<sup>12</sup> 28 de novembro de 1659 num Ms. apógrafo da Biblioteca de Évora. O autor do catálogo, Cunha Rivara, sugere ser essa a verdadeira data. É provável fosse remetido o escrito, como de costume, em mais de uma via, e datada cada uma segundo a ocasião. (JLA)